



XVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)

La Comunicación como Bien Público Global:

Nuevos lenguajes críticos y debates hacia el porvenir

Buenos Aires, Argentina, 26 al 30 de septiembre de 2022

Organizan

- ❖ Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC).
- ❖ Federación Argentina de Carreras de Comunicación Social (FADECCOS).

GT 1 - Comunicación Intercultural y Folkcomunicación

**LAR COMO MOVIMIENTO, EXTERIOR ENQUANTO RE-EXISTENCIA: A
DIASPORA NEGRA BRASILEIRA EM REPÚBLICA (GRACE PASSÔ, 2020)**

Home as motion, being away as re-existence: Brazilian black diaspora in

"República"(GRACE PASSÔ,2020)

FERNANDO ANTONIO RESENDE¹

DANIEL DE MOURA PINTO²

¹ Professor do curso de Estudos de Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Departamento de Mídia e Estudos Culturais da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor da Cátedra João Guimarães Rosa de Estudos Culturais e da Comunicação no Brasil (Universität Tübingen, Alemanha). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2002),.

² Doutorando em Comunicação no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, na linha Mídia, Cultura e Produção de Sentido, pesquisas com ênfase em Temporalidades, Narrativas Diaspóricas do Sul Global e Comunicação transnacional e intercultural, e Epistemologias do Sul. Pesquisador no grupo TRAVESSIA - Centro de Estudos e Pesquisas do Sul Global e do [LAN] Laboratório de Experimentação e Pesquisa de Narrativas da Mídia (UFF).



Resumen: A pesquisa parte do pensamento crítico decolonial latino-americano-caribenho para discutir as ressignificações espaço-temporais da diáspora negra no Brasil enquanto seres-em-movimento e o habitar que se corporeifica nos lugares a partir da exterioridade de suas existências. O objetivo é compreender como a dimensão espaço-temporal é ressignificada a partir entrecruzamento das dinâmicas do habitar “dentro-fora” da Nação e da disrupção proveniente da potência criativa intersubjetiva de reinventar a si mesmo e ao outro enquanto transforma o espaço delimitado em ex-cêntrico e o tempo universal em disruptivo.

Palabras Clave: Diaspora; Temporalidade; Territorialidade.

Abstract: The research stems from the Latin American-Caribbean decolonial critical thinking to discuss the space-time resignifications of the black diaspora in Brazil as beings-in-movement and the inhabiting that is embodied in places from the exteriority of their existences. The objective is to understand how the space-time dimension is resignified from the intersection of the dynamics of living “inside-outside” of the Nation and the disruption arising from the intersubjective creative power of reinventing oneself and the other while transforming the delimited space into an ex-centric and universal time in disruptive.

Key words: Diaspora; Territoriality; Temporality

INTRODUÇÃO

A pesquisa parte do pensamento crítico decolonial latino-americano-caribenho (QUIJANO, 2010; DUSSEL, 2010; FANON, 2010, GLISSANT, 2021) para discutir as ressignificações espaço-temporais da diáspora negra no Brasil enquanto seres-em-movimento e o habitar que se corporeifica nos lugares a partir da exterioridade de suas existências.

A partir da análise narrativa e analógica (BEUCHOT, 2019; RICOEUR, 1994) do curta-metragem “República (2020)” da atriz e dramaturga Grace Passô, essa pesquisa tem como objetivo compreender como a dimensão espaço-temporal é ressignificada a partir do entrecruzamento das dinâmicas do habitar (MARANDOLA.JR, 2021) “dentro-fora” da Nação e da disrupção proveniente da potência criativa intersubjetiva (SODRÉ, 2017) de reinventar a si mesmo e ao outro enquanto transforma o espaço delimitado em ex-cêntrico (RESENDE, 2020) e o tempo universal em disruptivo (MBEMBE, 2010).

Parte-se da análise de três momentos em que é possível perceber a disrupção temporal da narrativa que acusam o limite entre a presunção de uma totalidade universal e a inevitável relação que é constituída com a exterioridade que também habita o lar.

Observa-se como a disrupção emerge do clamor de um “ser” situado dentro/fora do espectro que o condena, atravessado pela dicotomia que contrasta a Pátria/Lar enquanto espaço de pertencimento e acolhimento de afirmação da totalidade, à medida que se é Estrangeiro/Despossuído do lugar que habita enquanto exterioridade ontológica que ressignifica o espaço-tempo para re-existir.

A relação que trabalhamos no curta-metragem República (2020) é da metáfora Lar/Nação enquanto nos defrontamos com um habitar que sustenta uma dupla vivacidade como dimensão ontológica da relação de ser na multiplicidade dos espaços.

Os enredamentos que foram analisados nos levam diretamente ao limite fronteiriço onde acontecem os atravessamentos espaços/temporais provenientes da relação dos mundos de si com outros mundos.

A personagem de Grace Passô incorpora sua negritude na ampla dimensão dos sentidos que a colocam em relação com lugar habitado. À medida que o lar é vivenciado as suas fraturas vão ficando evidentes, e é nesse momento que Grace Passô convida a pensar e sentir uma abertura para além da totalidade do espaço/tempo que aprisiona o corpo negro na insignificância do não-ser.

As consequências dessa totalidade ontológica e epistemológica do espaço-tempo arremessam os sujeitos diaspóricos à morte e ao esquecimento. Diante dos 200 anos da Independência do Brasil e da brutalidade do assassinato do migrante congôles Moïse Kabagambe no início do mês de fevereiro de 2022, urge a necessidade de repensar as implicações existenciais e históricas das dinâmicas da colonialidade do poder enquanto negação do existir e do habitar dos sujeitos da diáspora negra.

A RELAÇÃO DO HABITAR EM MOVIMENTO E AS DISRUPÇÕES DO ESPAÇO/TEMPO

Primeiramente, é importante ressaltar que nossa pretensão aqui não é dizer o que vimos e compreendemos, mas sentir e escutar a ressonância no espaço demarcada pelo tempo em que pulsa o que é vivido na fronteira onde o sentido estrito se perde. A partir

disso, olhamos para a abertura para além do ponto de vista, da referencialidade, da certeza e do mundo a partir do si mesmo que funda o lar enquanto totalidade.

Para tanto, direcionamos nossa leitura da trama de forma não-linear, sem descuidar dos enredamentos de seus personagens em seus espaços/tempos, mas focando no fator disruptivo que dita os movimentos da narrativa. Dessa forma, nos colocamos mais atentos aos desdobramentos que a vivência do habitar abrem enquanto possibilidade, do que propriamente nas concordâncias que nos levam a afirmar um lugar de si mesmo.

Adotamos uma perspectiva transmetodológica a qual atravessa a abordagem analógica hermenêutica (BEUCHOT, 2019; RICOEUR, 1994) como leitura da ação transformadora do tempo que possibilita observar como se configuram as tessituras temporais que constituem as narrativas diaspóricas e a relação dos atravessamentos com as múltiplas territorialidades que emergem além dos centros de legitimação do poder colonial do Estado/Nação.

A relação que trabalhamos no curta-metragem República (2020) é da metáfora Lar/Nação. Enquanto nos defrontamos com um habitar que sustenta uma dupla vivacidade como dimensão ontológica da relação de ser a partir do espaço/tempo implicada as personagens da trama. Partimos da crítica da temporalidade universal e da espacialidade a partir da relação em que se imbricam esses dois conceitos.

O ser no tempo foge da virada linguística e ontológica que busca um novo lar ou pátria para reconhecer no movimento disruptivo temporal, o inalienável enredamento intersubjetivo e sócio-ideológico do ser em outros tempos de outras experiências fora da dinâmica eurocêntrica. Quando o lar não se basta a ser estranho, mas a ser impossível, insuportável. Quando o lugar que se esconde é atravessado pelo lugar que se revela.

O lar enquanto territorialidade múltipla não se restringe a um espaço delimitado pela interioridade ou exterioridade de uma localidade. A exterioridade não se trata de nenhuma exteriorização da interioridade, mas como forma crítica do processo de totalização das ontologias que fundaram a negação da alteridade (DUSSEL,2010).

Compreender o Sul enquanto territorialidade ex-centrica (RESENDE,2020), é assumir que tal território corresponde para o que existe além dos centros de legitimação, conhecimento e poder. A partir dessa perspectiva, o Sul são formas de ser, pensar e viver fora da institucionalidade e a geopolítica reconhecida enquanto ordem. O Sul são territorialidades que partem de uma geografia expandida – uma geografia do sul, que é fisicamente demarcada e afetivamente construída ao mesmo tempo que é vivida, imaginada e inventada. A ontologia abandona seu cariz de certeza fundadora arraigada em um território coercitivo.

Pensar as relações da experiência vivida referente ao habitar segundo a metáfora Lar/Pátria explorada por Grace Passô é atentar para as relações e dinâmicas em movimento da ressignificação de si nesse espaço/tempo.

A ruptura com a temporalidade universal é o movimento de ir para além da ontologia do mesmo onde a totalidade é unidimensional porque é única e estabelece a partir de si a identidade e a diferença impossibilitando o diálogo com a alteridade. A revelação do outro estabelece no mundo do mesmo um ente análogo ao outro distinto, ao invés do aparecimento do outro que estabelece no mundo do mesmo um ente diferente do próprio mesmo.

Fundamentar um tempo possível de existir é compreender que as convergências e divergências culturais deixam de ser signo de exclusão para serem entrecruzamentos disruptivos. A racionalidade eurocêntrica pressupõe uma dialética entre totalidade e

exterioridade que são concebíveis somente porque se opera a ideia de unidade, que por sua vez impõe as fronteiras de demarcação simbólicas e de pertencimento das comunidades. Em compensação, a abertura da diferença das temporalidades disruptivas parte da concepção de que face a exterioridade infinita da interculturalidade, o todo nunca é totalmente totalizado.

Seguindo o pensamento de Mbembe (2010), pensamos a disrupção como de idas e vindas, incertezas que contrariam o anseio da historicidade por um fato. Diferente da temporalidade ocidental psicanalítica do sujeito que faz do tempo a condição de aparecer do acontecimento, a temporalidade disruptiva não é constituída, mas constituinte. O clamor pela resignificação temporal é igualmente uma mirada par fora dos limites da totalidade ontológica.

Por isso a relação que aqui trabalhamos é do Lar/Nação enquanto nos defrontamos com um habitar que sustenta uma vivacidade/habilitidade como dimensão ontológica da a partir dos atravessamentos das múltiplas territorialidades.

Não se concebe mais a natureza humana a partir de um modelo transparente, universalmente fundado ou encarnavel. Como afirma Glissant (2021) a opacidade não é o obscuro, mas pode sê-lo e ser aceito como tal. Ele é o não-redutível, que é a mais vivaz das garantias de participação e confluência.

Glissant (2021) afirma que essa Poética da Relação está se tramando, que ela não projeta, que ela se inscreve em uma circularidade que não é a do circuito enquanto a uma linha do movimento que se curvaria sobre si mesmo.

Estar em relação é necessariamente um sentir-se, onde o sentir não a si mesmo, mas como corporeidade coletiva que constitui as relações que extrapolam a convenção do Lar/Nação enquanto algo restrito a fixidez de sua compreensão. Nesse caso habitar é

sempre um movimento que é sentido na corporeidade coletiva³ do sujeito onde espaço e tempo estão amalgados como horizonte de sentido e forma de ser e estar no mundo. Permite não apenas o reconhecimento e nosso centramento como seres-no-mundo, mas também os encontros, o estar junto de forma situada, como seres em situação.

A personagem de Grace Passô translada entre os limites metafóricos da relação do Lar/Nação como enclausuramento na espacialidade que permite se olhar de fora pra dentro e de dentro para fora.

Se a ontologia do habitar diz respeito aos lugares de convivência onde os sujeitos relacionam-se implicados em situação, Grace Passô acusa a ruptura dos limites da compreensão que aprisiona, e de forma simultânea, conforta um sujeito inexistente.

Os entrecruzamentos desses espaços/tempos acusam um sentir o mundo que já não suporta o mesmo, pois não se pode sentir de dentro pra fora, nem de fora para dentro, um mundo que não parte do sujeito, mas um sujeito que parte do mundo para ali estar em sua condição existencial de viver com os outros.

Esse trabalho parte de três momentos do curta-metragem República (2020) de Grace Passô (2020) e de suas frestas da totalidade dos sentidos, que aqui dão abertura para um sentir como potência criativa da experiência vivida demarcada na ação das temporalidades e habitar das espacialidades.

³ Como afirma Sodré (2017) A corporeidade é a condição própria do sensível, tal como na descrição de Boulaga, filósofo camarones: "O sentir é o modo a comunicação original com o mundo, o ser no mundo como corpo vivo. O sentir é o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo. O homem não   si mesmo por derivação ou, progressivamente por etapas. Ele é de vez ele mesmo, estando nele mesmo junto a coisas e a outras, na atualidade do mundo. O sentir   a correspondência a essa presença [...] pelo sentir do corpo, o homem não está somente no mundo mas este está nele. Ele é o mundo.

A CIRCULARIDADE DA DÚVIDA ENTRE SONHO E REALIDADE

O primeiro momento nos coloca diante de uma circularidade temporal arrebatadora. Encerrada em seu apartamento devido a pandemia, a personagem de Grace Passô desperta de seu sono com uma ligação que informa que ela está vivendo um sonho. Porém, esse sonho não é a vida em si, mas o lugar que ela habita. O Brasil que é um sonho. Como todo sonho, pode chegar ao seu fim, pois quem está sonhando o Brasil é um xamã que está prestes a despertar a qualquer momento.

Atônita, a personagem se certifica que existe validade científica já que o noticiário fez isso percorrer o mundo. De fato, o Brasil é um sonho.

Percebendo o fim do Brasil enquanto Nação, que em seu aparato colonial reificante produziu um efeito fantasmagórico para existências outras como a negação universal idealizado pelo nacional, Passô urra de feliz, expondo um alívio secular. Consequentemente, ao direcionar seus gritos à janela da casa, observa um sujeito errante do lado de fora que urra de volta. Importante lembrar desse acontecimento para o futuro da análise.

O Brasil, enquanto moradia de um povo que vive em suas frestas, assim como teve seu momento inaugural, encontra seu fim intrínseco. A felicidade que extrapola é sentida como um fim pela subjetividade do sujeito desejante que sempre almejou querer ser feliz e movido pelo arrebatamento cego do desejo aguardava seu fim na disputa incessante com o colonialismo que o assombra.

Interessa a nós a circularidade que levanta a dúvida sobre a superação da realidade por um sonho. A realidade aparentemente é superada pelo sonho, e o despertar do sono

também é um despertar da realidade. A disrupção temporal que aqui é sentida, pode ser resumida da seguinte forma: a suposta realidade que é a temporalidade contínua da vida, parece finalmente conciliar-se com seu propósito universal da história linear e ter seu fim. A linearidade temporal do tempo nacional que unifica e compreende seus sujeitos enquanto totalidade cumpre sua finalidade e se encerra. Em hipótese, o tempo colonial não perdura mais e não arrasta seus rastros pelo chão.

Partindo do ponto que face a exterioridade infinita dos mundos possíveis, o todo nunca é totalmente totalizado, mas submetido a um processo de totalização ontológica, como nos lembra Dussel (2010), a atriz Grace Passô funda um paradoxo que responde a finalidade da compreensão universal do tempo, mas contraditoriamente produz uma felicidade de uma possível abertura para outros horizontes de mundo. A personagem de Passô finalmente pode sair da Nação que habitava como seu lar mesmo dentro de sua casa, na sua inaliável condição de estar e não estar lá, do conforto desconfortável de tentar viver tendo que assimilar a uma premissa que não pode ser assimilada por ela mesmo.

ENTRE AS LACUNAS DAS TEMPORALIDADES DO REAL E DA FICÇÃO

Exausta da intensidade de sentir esse paradoxo, a personagem de Passô nos guia ao segundo momento de ruptura. Agora, de forma súbita e inesperada aos olhos do expectador, encerra a encenação em pleno ato, e deixa flutuar a câmera em um debate sobre sua performance. Emerge a possibilidade de estar em um filme dentro do filme, onde a realidade é encenada, mas a encenação também é a realidade.

Sente-se uma suspensão de não saber o que de fato é e o que não é de fato. Aquilo que foi validado é prontamente desvalidado enquanto imersão na fé de duvidar se de fato aquilo aconteceu. Fica latente a sensação de não estar em lugar nenhum em uma temporalidade fugaz que se perde em seu próprio fundamento.

O encerramento acusa outra abertura pra um outro horizonte a partir do paradoxo da ficção ser realidade e a realidade ser ficção. Não é o tempo da espacialidade que encerrou com a relação da personagem, mas a relação temporal da personagem que encerrou a espacialidade de atuação. O alívio anterior que acusava um fim fora do sujeito, agora vê um pesar que mora dentro dele mesmo. A atuação não foi boa, ela esqueceu a fala, e ainda por cima colocou em dúvida o absurdo do Brasil ser um sonho. Em uma reviravolta, a realização do fim da temporalidade linear levou a lugar nenhum, pois sequer pode ser realizado.

O tempo imaginado real e o tempo real imaginado se confundem, se perdem e as possibilidade de realização tornam-se iguais tanto para o suposto real quanto o ficcional. O paradigma temporal acusa que não existe uma imersão totalizante em um suposto tempo real da razão material e outro tempo imaginado subjetivo.

Essa abertura nos demonstra que a presunção de uma temporalidade totalizante diz mais acerca de suas intenções do que propriamente na sua existência. Aliás, a existência essa que para ser universal tem que partir de um uno, unidade indivisível de si mesmo. Portanto, só pode ser pensada de um lugar devidamente demarcado que se confundirá como lugar de todos, mesmo se tornando o lugar impossibilitado da diferença. O lar que se habita é espaço do um, mas se não há possibilidade de ser o uno idealizado e definitivamente não é o lugar do outro. Nessa impossibilidade de ser a si mesmo sem que

haja um outro, que transitamos para o nosso próximo exemplo. A transição começa pela imagem estática de um olhar que fita de lado, mas direcionado ao espectador.

OS MÚLTIPLOS ESPAÇOS E RELAÇÃO ENTRE AS TEMPORALIDADES DISRUPTIVAS

Com a imagem do olhar ainda em vista, começa se ouvir aos gritos no fundo da cena: “O SEU BRASIL ACABOU E O MEU NUNCA EXISTIU!”. Repetidas vezes e de forma furiosa. A personagem de Grace Passô se levanta e vai às pressas ver o que está acontecendo e se depara com um encontro impossível. A pessoa que estava andando pela rua que citamos no primeiro exemplo estava dentro da casa gritando incessantemente: “O SEU BRASIL ACABOU, O MEU NUNCA EXISTIU!”.

A invasão do lar só não deixou a personagem de Grace Passô mais paralisada do que perceber que a pessoa que antes estava desamparada do lado de fora, era ela mesmo. Como seu duplo, que antes estava fora de casa, ela mesmo surge enquanto exterioridade de si, para lembra-la de sua fatídica duplicidade. Enquanto resguardada pelo seu lar, prestigiou o tempo do fim do Brasil com alegria ingênua como se o fim objetivo do universalismo temporal abrisse possibilidades para um novo começo. Porém, num ato de invasão subjetiva e concreta, o seu outro inalienável de si mesmo a lembra que mesmo sob o teto de seu lar, o fim da opressão de habitar o Brasil enquanto lar que a negava, não passava de uma ilusão. Se nunca existiu é porque sua temporalidade não pode ter início, nem meio nem fim. E, portanto, não pode ser universal e linear. O tempo não pode ser um, a unidade indivisível de compreensão totalizante.

Para quem nunca existiu ontologicamente o tempo não se realiza em si mesmo, mas no enredamento de outras múltiplas temporalidades que atravessam. Para quem existe

diante do poder colonial, igualmente são atravessados pelas temporalidades disruptivas de outros mundos. Lembramos que Grace Passô é ambos, o eu e o outro. O que antes era possível de situar estritamente se transformou em situação constituinte inapreensível em movimento.

CONCLUSÃO:

Os paradigmas temporais e espaciais foram aos poucos acusando os movimentos das fraturas disruptivas que emergem no espaço/tempo. Desde o momento da ilusão por um fim enquanto habitava a totalidade que a compreendia, até o choque da presença de sua exterioridade contestando a irredutível multiplicidade de existências espaço/temporais que foram obliteradas pelo poder colonial. Desde a personagem que supostamente habita o lar e aceita o fim, até a mesma personagem que subitamente não habita e reivindica o contínuo disruptivo.

O movimento da narrativa de Passô nos indica que a confluência dos espaços evoca as temporalidades disruptivas. A personagem de Passô que é o Eu e o Outro, aponta a abertura de estar-sendo além do dentro/fora do lar que se habita.

Grace Passo translada entre os limites metafóricos da relação do lar/nação como um enclausuramento na espacialidade que permite se olhar de fora pra dentro e de dentro pra fora. Acusa o limite que a aprisiona na dimensão do real e do ficcional, do sonho e da realidade, onde as fraturas do espaço/tempo que a situam no mundo acusam uma vivência impossibilitada. Sua vontade de viver (experiência vivida) se efetiva num espaço/tempo despossuído ontologicamente onde sua compreensão é consequentemente sua impossibilidade. Se perceber no espaço nacional ou no lar que o cerca é uma suspensão

continuada que translada entre as múltiplas temporalidades que derivam das situações experienciadas nos espaços abertos, ou como afirma Fernando Resende, excêntricos.

Aos olhos de Glissant (2021), podemos afirmar que o estar-no-mundo não significa nada sem a totalidade quantificada de todos os tipos de estar-em-sociedade.

Os entrecruzamentos desses espaços/tempos acusam um sentir o mundo que já não suporta o mesmo, pois não se pode sentir de dentro pra fora, nem de fora para dentro, um mundo que não parte do sujeito, mas um sujeito que parte do mundo para ali estar em sua condição de existencial de viver com os outros.

Reconhecendo que o sentir o tempo/espaço nunca é o mesmo, mas atento para o fato de que sentir-se individualmente é apartar o sujeito do mundo, esse trabalho partiu dos paradigmas disruptivos das frestas da totalidade dos sentidos, atento aos enredamentos que acusam a impossibilidade de pensar um dentro/fora do espaço-tempo. A partir da obra de Grace Passo, podemos pensar a exterioridade do habitar no Estado-Nação de forma relacional e múltipla, aberta aos horizontes possíveis de co-existir que respeite a alteridade dos sujeitos diaspóricos.

Esses horizontes possíveis de co-existir é a vivacidade em conflito que constitui o sentir do lar para além da auto-realização de si mesmo como compreensão do espaço/tempo situado que permite delimitar um dentro/fora que totaliza e separa o sujeito do mundo e o mundo do sujeito.

A situação é inapreensível temporalmente pois está em movimento contínuo disruptivo e sua inauguração não é um início nem mesmo prevê um fim. O grito de desespero de Passô acusa um tempo/espaço fixo do lar onde há um término para um inexistente. Aí está o confronto entre as dinâmicas do situado e da situação. Um se compreende outro é inapreensível.



Enquanto a Nação delimita e compreende o habitar do povo, o habitar como movimento surge como um gesto relacional dos múltiplos enredamentos interculturais e transnacionais que se estabelecem nas suas respectivas temporalidades e espacialidades.

BIBLIOGRAFIA

- BHABHA, Homi. (1998). O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG,
- DUSSEL, Enrique. Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade In: SANTOS, Boaventura de Sousa et Maria Paula Menezes, Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.
- GLISSANT, Édouard (2021). Poética da relação. Bazar do Tempo. Edição do Kindle.
- MARANDOLA JR. Eduardo. (2001). _ Fenomenológico ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano/São Paulo; Editora UNESP, 2021
- MBEMBE, Achille. (2010). On the postcolony. Berkeley: University of California Press,
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa et MENEZES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez.
- RESENDE, Fernando. (2020). Geographies of the South: Unfolding Experiences and Narrative Territorialities. In: AMANSHAUSER, Hildegund; BRADLEY, Kimberly. (ed.) Navigating the Planetary.
- SANTOS, Milton. (2004). Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica / Milton Santos. -6. ed.-São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, (Coleção Milton Santos)